

Lucas Ciavatta

## A gota de óleo e o copo d'água

Nosso objetivo era incluir uma gota de óleo em um copo d'água. Simples, pareceu-nos. Bastava colocar a água no copo e pingar a gota de óleo. No entanto, rapidamente, instalou-se o incômodo de ver que a gota permanecia na superfície, ela não se misturava...

O que entendemos por “incluir”?

“Superpor”? “Dispor lado a lado”? “Colocar junto”?

Minha visão, construída a partir das possibilidades que meu trabalho me abriu nestes últimos quinze anos e à luz da metáfora que utilizo para desenvolver este texto, é a de que só estamos de fato incluídos num determinado fazer musical, quando somos afetados por ele e, principalmente, quando o afetamos. Só estamos incluídos quando nossa ação interfere, “faz diferença”. Nossa presença simplesmente não garante esta inclusão. É fundamental que aliada a esta presença haja uma ação e que ela seja significativa para o grupo, que ela interfira, positiva ou negativamente, no resultado do grupo. O ideal é que ela seja positiva, pois esta interferência será cada vez mais desejada e nos sentiremos cada vez mais dentro do grupo. Mas mesmo quando ela for negativa, o importante é que seremos notados, e isso pode abrir uma excelente oportunidade para que sejamos ajudados e possamos passar a interferir positivamente.

Já havíamos incluído uma gota de álcool no mesmo copo d'água e havia corrido tudo bem. É bem verdade que não sabíamos mais dizer onde estava esta gota de álcool. Se estava na superfície, se estava no fundo e mesmo se ainda era uma gota de álcool ou se havia se diluído completamente na água. Sem dúvida, havia um incômodo no fato de não sabermos mais o destino da gota de álcool, mas o fato de notarmos a gota de óleo boiando na água tornava aquele novo incômodo quase insuportável...

Alguém pode nos dar a impressão de estar incluído simplesmente porque se anulou enquanto indivíduo, porque não incomoda, não interfere positiva ou negativamente no grupo. Uma voz, que destoaria ou enriqueceria a harmonia, calou-se ou nem chegou a soar. Na verdade, ela continua lá, pois tudo fala – mesmo sem emitir um som – mas nós não a ouvimos, pois a dinâmica do grupo, ou mesmo nossa capacidade de escuta, nos impede.

Depois de várias estratégias para incluir a gota de óleo no copo d'água, chegamos a uma solução, no mínimo, interessante: tampamos o copo e o agitamos fortemente. Por alguns instantes, as micro gotículas, nas quais a gota de óleo havia se transformado, nos dava a nítida sensação de que a inclusão havia se dado. O problema é que passados alguns segundos, a gota de óleo ia aos poucos se recompondo, se juntando, se isolando da água, e voltando à condição inicial que tanto nos incomodava...

Não há inclusão sem autonomia. A inclusão não é uma ordem que se dá. É possível decidir que alguém vai jogar, mas não se pode garantir que a bola vai ser passada para ele. E sem tocar na bola, o próprio “estar em campo” perde seu sentido.

A inclusão só pode efetivamente se dar a partir da capacidade desenvolvida por cada indivíduo de se fazer ouvir. É possível garantir voz àquele que não tem, mas quem o ouvirá quando você não estiver mais lá?

Todo o trabalho que tenho realizado visando à inclusão valeria muito pouco se eu não procurasse, quase que obstinadamente, a autonomia do aluno. Depender inteiramente do outro não deve ser confundido com “contar com o outro”. Depender, tendo consciência de sua dependência, estar propositalmente nessa condição, é algo só desejado por quem, naquele momento, não tem outra opção, ou por não ter forças ou por não ter meios.

No entanto, ainda que presentes os meios e a força, a construção desta autonomia está necessariamente associada ao rigor de quem avalia. “Rigor” em hipótese alguma, deve ser confundido com “rigidez”. Ser rígido é estar insensível à diversidade. Ser rigoroso é não proteger ninguém de sua própria ignorância. Proteger alguém de sua própria ignorância é invariavelmente condenar esta pessoa a permanecer na ignorância em que se encontra.

Foi preciso reconhecer que havia uma diferença entre a água e o óleo. O óleo e a água têm estruturas específicas que não permitem uma interação química. Estava claro que a interação precisava ser de outra ordem. Então, mantendo o copo tampado, viramos ele de cabeça para baixo. Algo muito interessante aconteceu: a gota de óleo mergulhou na água, atravessou-a num movimento seguro, decidido, até alcançar o fundo do copo que agora estava virado para cima. A água não pôde resistir e foi obrigada a dar passagem para a gota. Foi impossível ficar indiferente. A gota de óleo, por sua vez, foi forçada a abandonar sua posição superficial – uma posição difícil, pois à margem do processo, mas também confortável, já que nada dela era esperado e, por isso, tampouco cobrado. A inércia foi rompida e, ainda que para ocupar novamente uma posição superficial, nesse movimento, a gota alterou o conjunto e, mesmo que por alguns instantes, fez parte dele...

Quando alguém chega a algum grupo, normalmente encontra uma dinâmica já estabelecida. As relações já estão obedecendo a determinadas regras, os papéis de cada integrante já estão definidos e, apesar da constante mudança a que este grupo está sujeito, qualquer um que queira se integrar precisará, ele mesmo, gerar um movimento para alterar esta dinâmica. Algumas vezes, a sua simples presença já é suficiente. Em geral, porém, é preciso bem mais que a presença, é preciso um movimento, que vença a inércia e transforme a dinâmica existente. Esse novo movimento, que alterará todos os outros, pois tudo num grupo está interrelacionado, tem sempre que partir desta pessoa que chega. No entanto, muitas vezes, esta pessoa não tem condições para promover este movimento. Muitas vezes, a própria motivação inexistente. E é nesse momento que o papel do professor pode ser definitivo. Fornecendo, sim, motivação, mas, principalmente, fornecendo meios, ferramentas.

O Passo é um método de Educação Musical criado por mim em 1996 e, atualmente, utilizado no Brasil e no Exterior<sup>1</sup>. Orientado por quatro eixos (corpo, representação, grupo e cultura), O Passo surgiu justamente em resposta ao processo altamente seletivo do acesso à prática musical tanto nos espaços acadêmicos quanto nos espaços populares (CIAVATTA, 2003).

Alguns fatores, tais como a utilização de notações orais e corporais, além de uma notação gráfica alternativa e complementar ao sistema tradicional e o fato de possibilitar um trabalho aprofundado de ritmo e som apenas com palmas e voz, explicam os excelentes resultados alcançados com O Passo no sentido de promover a inclusão de diferentes alunos em diferentes contextos (surdos, menores em conflito com a lei, portadores de diferentes síndromes, cadeirantes, pessoas ditas “normais” com pequenas, médias e grandes dificuldades de ritmo e de afinação, cegos, pessoas diagnosticadas como

<sup>1</sup> Desde 2005, sou professor visitante do Westminster Choir College (Princeton-EUA) e, desde 2006, realizo anualmente um curso intensivo d'O Passo na França.

portadoras de distúrbios de aprendizagem e outros<sup>2</sup>). No entanto, a meu ver, o fator decisivo em todos estes processos de inclusão tem sido o fato de, n'O Passo, partirmos, não de algo que pode ou não estar, que pode ou não ser conquistado, mas sim, de algo que seguramente está, algo comum à imensa maioria dos seres humanos e cuja presença podemos garantir: o andar<sup>3</sup>.

Ao fim desta breve reflexão, parece-me importante considerar que a água não necessariamente vê como sua a tarefa de incluir a gota de óleo e, mesmo querendo fazê-lo, muito provavelmente se sinta impotente para isso. Até porque esse desafio não é seu, não é de sua responsabilidade. Somos nós que devemos vencer a inércia. E, nesse sentido, O Passo tem nos ajudado a virar vários copos de cabeça para baixo.

## Referências bibliográficas

---

APPLE, Michel. O currículo oculto e a natureza do conflito. In: *Ideologia e currículo*. Porto: Porto Editora, 1999, p. 137-168.

ARAÚJO, Vania C. de. *O jogo no contexto da educação psicomotora*. São Paulo: Cortez, 1992.

BARRETO, Maria Aparecida S. C. A política atual de formação inicial do professor em face da/para educação inclusiva: algumas tensões e possibilidades. In: *Cadernos de Pesquisa em Educação*, PPGC, UFES, Vitória, v. 13, n. 25, jan./jun. 2007, p. 89-110.

CIAVATTA, Lucas. *O Passo: a pulsação e o ensino-aprendizagem de ritmos*. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Passo: um passo sobre as bases de ritmo e som*. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2009.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

NOISETTE, Claire. *L'enfant, le geste et le son*. Paris : Cité de la Musique/Centre de Ressources Musique et Danse, 1997.

REINER, Mirian. Thought experiments and embodied cognition. In: Gilbert, JK & Boulter, C.J. (Eds). *Developing Models in Science Education*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 2000 (pp. 157-176).

---

<sup>2</sup> A exemplo do trabalho realizado nos anos de 2005 e 2006 na Unidade para Menores em Conflito com a Lei – Escola Estadual João Luiz Alves (DEGASE – RJ).

<sup>3</sup> Mesmo que alguém possua um problema nas pernas ou mesmo que utilize uma cadeira de rodas, a "regularidade" a partir da qual entendemos a "pulsação", invariavelmente, estará presente.